

MÚSICA NO PROGRAMA ESCOLA ABERTA: UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DA PEDAGOGIA MUSICAL NA ESCOLA MUNICIPAL CHAPÉU DO SOL, PORTO ALEGRE, RS.

**Helena Lopes da Silva*
Email: helopes@terra.com.br

RESUMO: O Programa Escola Aberta consiste na abertura das escolas públicas durante os finais de semana para oferecer atividades culturais, esportivas e de renda. A música tem sido solicitada a participar deste programa, sob a máxima de que a mesma possa ser uma ferramenta importante no processo de educação, resgate moral e social dos jovens pertencentes às comunidades consideradas violentas. Este estudo pretende desvelar os sentidos da música no Programa Escola Aberta e tem como base os discursos e as práticas pedagógico-musicais presentes no campo empírico a ser estudado: a Escola Municipal Chapéu do Sol, Porto Alegre, RS. O interesse da presente pesquisa está em interpretar os sentidos das atividades musicais propostas e desenvolvidas nos finais de semana através dos discursos dos participantes da referida Escola através da análise dos documentos oficiais que embasam o Programa Escola Aberta.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Jovens; Escola Aberta; Políticas Públicas.

ABSTRACT: The Open School Program consists of the opening of the public schools on the weekends in order to offer cultural, sports and fund raising activities. Music has been requested to become part of the Open School Program, under the belief that it could be an important tool in the educational, moral and social rescue process of the youngsters coming from violent communities. This study aims at unveiling the sense of music in the Open School Program taking into consideration the discourse and practice of pedagogical music in the empirical field to be studied: the Municipal School “Chapéu do Sol”, Porto Alegre, RS. The focus of this research lies on interpreting the sense of the musical activities proposed and developed by the participants in their discourses, on the weekends. Likewise, the analysis of the official documents that underlie the Program will be considered.

KEYWORDS: Music; Youngsters; Open School; Public Policy.

INTRODUÇÃO

No senso comum, a escola tem sido apontada como uma das principais instituições responsáveis pelas “transformações sociais e aperfeiçoamento moral dos indivíduos”. Os índices de evasão escolar e os casos cotidianos veiculados na mídia envolvendo jovens e violências físicas e simbólicas no espaço escolar têm fragilizado essa visão, e conseqüentemente, o papel desta instituição.

Estudos recentes sobre escola, juventudes e violências (Noletto, Castro e Abramovay, 2004; Corti e Souza, 2005; Dayrell, 2005) afirmam a necessidade de se construir uma “escola renovada” ou uma “escola ampliada e inovadora” capaz de dar conta das demandas da atualidade (ABRAMOVAY et al., 2003).

Como proposta de valorização e resignificação da instituição como “escola função” e não mais apenas “escola-endereço” (WERTHEIN, 2004), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) lançou, no ano de 2000, o Programa Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz.

O programa Abrindo Espaços abrange, entre outras ações, o programa Escola Aberta, o qual consiste na abertura das escolas nos finais de semana como alternativa para a reversão do

* Mestre em Música pelo PPG Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano de 2000, doutoranda do PPG Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pesquisadora do Grupo Música e Cotidiano (UFRGS/CNPQ), orientanda da Profa Dr^a Jusamara Souza (UFRGS/RS), bolsista da CAPES desde 2005.

quadro de violência e a construção de espaços de cidadania para os jovens e para as comunidades.

Em Porto Alegre, o Programa Escola Aberta iniciou em 2003 através da parceria entre o Governo do Rio Grande do Sul (RS) e a UNESCO, intitulado como Escola Aberta para a Cidadania. Em 2005, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da Secretaria Municipal de Educação (SMED), também aderiu ao Programa Escola Aberta nomeando-o como programa Abrindo Espaços na Cidade que Aprende.

Até o primeiro semestre de 2007, a cidade de Porto Alegre contava com a adesão de 65 escolas públicas ao Programa.

Conforme organograma estrutural elaborado por mim, a partir dos documentos oficiais do Programa Escola Aberta, o mesmo encontra-se assim constituído:

ORGANOGRAMA PROGRAMA ESCOLA ABERTA



Dentre as atividades solicitadas pelas comunidades e pelos coordenadores do Programa Escola Aberta, a música tem sido solicitada, pois, segundo os participantes do Programa, a mesma é considerada como uma ferramenta importante no processo de educação, resgate moral e social dos jovens pertencentes às comunidades consideradas violentas em Porto Alegre.

A premissa de que a música e as artes em geral são instrumentos eficazes no combate à violência, na construção da cidadania e na educação de crianças e jovens, tem sido adotada por grande parte de instituições governamentais e não-governamentais, em níveis nacional e internacional. O discurso de José Sócrates, Primeiro Ministro de Portugal na abertura da Conferência Mundial Educação Artística (UNESCO) ocorrida em Portugal, no ano de 2006, defende os seguintes preceitos:

A concretização de uma educação de qualidade supõe a generalização de uma educação artística de qualidade. As expressões artísticas, cultivadas durante a infância e a juventude, na Escola, mas também fora dela, no quadro da aprendizagem ao longo da vida, dão um contributo indispensável à formação integral dos seres humanos como cidadãos. A formação artística é ponto de encontro de alunos, professores e comunidades, em contextos multiculturais, e estabelece uma base sobre a qual outras aprendizagens e a prática da cidadania naturalmente se desenvolvem. Nas suas diversas manifestações, as artes proporcionam o conhecimento da diversidade cultural, ao mesmo tempo em que despertam e estimulam a criatividade, alimentando a imaginação e o sonho (SÓCRATES, 2006).

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo é desvelar e problematizar os sentidos da música no Programa Escola Aberta através dos discursos de seus dirigentes, coordenadores, oficinairos e oficinandos de música, comunidade, através da análise dos documentos oficiais que embasam o referido Programa.

Decorrente do objetivo central de pesquisa mencionado acima, surgiram as seguintes subquestões: Qual o objetivo ou objetivos de oferecer atividades musicais nos finais de semana na Escola Municipal Chapéu do Sol na visão dos diretores, coordenadores e oficinairos? Que resultados eles esperam obter a partir da adesão e engajamento dos jovens e da comunidade às oficinas de música? É prevista a formação de multiplicadores (oficinandos que se tornam oficinairos) e da continuidade dos projetos e/ou oficinas de música na Escola Aberta? Há interesse dos participantes e dos formadores (oficinairos, diretores, coordenadores) em profissionalizar os oficinandos na área de música? O que propõem os oficinairos de música do projeto Escola Aberta? Quais os critérios para elaboração de suas propostas de oficinas de música? Quais estilos de música são oferecidos pelos oficinairos? Quais os estilos de música são solicitados pelos oficinandos e ela comunidade (no caso da Rádio Escolar)?

Para realização da presente pesquisa, elegi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Chapéu do Sol, participante do Programa Escola Aberta desde a sua implantação, no ano de 2003, através do Programa Abrindo Espaços na Cidade que Aprende.

O Programa Abrindo Espaços na Cidade que Aprende foi o nome escolhido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) e pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) para instituir a parceria entre o governo municipal, a UNESCO e o MEC. Em Porto Alegre, além do Programa Abrindo Espaços na Cidade que Aprende, existe o Programa Escola Aberta, instituído através da parceria entre o Governo do Estado do RS, UNESCO e MEC.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para desvelar e compreender os sentidos que a música adquire no Programa Escola Aberta, levando-se em conta os discursos dos participantes envolvidos no campo empírico, oficinairos, oficinandos, direção e coordenação geral do projeto, torna-se necessário definir os conceitos de protagonismo juvenil e o conceito de escola como pólo cultural, os quais foram extraídos dos documentos oficiais que embasam o referido Programa.

PROTAGONISMO JUVENIL

Partindo do pressuposto de que não existe apenas uma juventude, mas várias juventudes, e que esta pluralidade do conceito de juventudes deve-se às condições sociais, culturais, de gênero e de classe, dentre outros aspectos, faz-se necessário compreender o conceito de protagonismo juvenil, que em outras palavras pode ser entendido como “participação juvenil”, o qual está no centro do debate das políticas públicas para juventudes e, mais especificamente, no programa Escola Aberta.

Noletto, Castro e Abramovay (2004) explicam que a palavra protagonista é tomada emprestada do teatro “onde o protagonista é o ator principal, o personagem que domina a cena, que inova, a quem é permitido alterar o roteiro, mudar a fala, criar durante a cena”. As autoras explicam que o conceito de participação e/ou protagonismo juvenil sugere, ainda, mobilização: “Ter voz e lugar no sistema de tomada de decisões em distintas esferas sociais, visando lugar ativo na produção, gestão e usufruto dos bens que uma sociedade produz” (NOLETO, CASTRO, ABRAMOVAY, 2004, p.28).

Isto quer dizer que, por um lado, espera-se do jovem um envolvimento significativo com as atividades oferecidas na escola e, por outro, uma cooperação institucional [da escola] no sentido de permitir a combinação de “exercício de liderança com aprendizagem, sem a recorrência a autoritarismos e imposição de saberes competentes” (NOLETO et al, 2004, p.31).

Neste sentido, adentrar no debate acerca do protagonismo juvenil torna-se necessário para que se possa compreender e ampliar a visão sobre os jovens no cenário social contemporâneo, mais especificamente, no programa Escola Aberta.

Em uma revisão sobre o tratamento do conceito de protagonismo juvenil na literatura especializada sobre juventude, Ferretti, Zibas e Tartuce (2004) reconhecem que este conceito é “fluído e multifacetado, carregado de significado pedagógico e político”, e que, por este motivo, o conceito de protagonismo juvenil é, por si só, “um potencial catalisador de conflitos, e, portanto, um fértil objeto de estudo” (ibid., p.412). Segundo a revisão bibliográfica realizada pelos autores, o conceito protagonismo juvenil “é passível de diferentes interpretações e, além disso, imbrica outros conceitos igualmente híbridos, como, ‘participação’, ‘responsabilidade social’, ‘identidade’, ‘autonomia’ e ‘cidadania’” (ibid., p. 413).

Iulianelli (2003) problematiza a concepção e a pragmatização do conceito de protagonismo juvenil em relação às ações educacionais dirigidas aos jovens. Embora protagonismo juvenil possa ser definido como “uma intervenção social da juventude, a partir dos interesses dos próprios jovens”, o autor chama atenção para o risco que se corre ao adotar “um modelo de ação no qual a juventude seja responsável exclusivo pelos processos que desencadeia”. Segundo o autor, essa tendência de “empoderamento” dos jovens faz com que eles próprios se tornem “senhores do próprio destino”, não havendo, portanto, intervenientes ou co-responsáveis (IULIANELLI, 2003, p.73).

A ESCOLA COMO PÓLO CULTURAL

Ter a escola como pólo cultural significa, na perspectiva do Programa Abrindo Espaços (UNESCO), uma atitude de resgate da instituição escolar através da construção desta em um “*locus* privilegiado, um local onde os jovens querem e gostam de estar” (WERTHEIN, 2004, p.9). Segundo o autor, esta escola, antes vista apenas como “escola-endereço”, passa a ocupar um *status* de “escola função”, através do acesso a atividades culturais, valorizando expressões da cultura nacional, a diversidade local e regional, transformando a escola em um pólo de atração para a juventude (ibid.).

A transformação da instituição escolar em um pólo cultural está vinculada a assunção do “respeito às diversidades, o direito que cada um tem de ser tratado de acordo com as suas singularidades” como princípio básico (COSTA, 2006, p.129). Costa (2006) afirma que “o processo educativo tem como finalidade ampla o desenvolvimento do ser humano na sua dimensão social, por isso, a ação educativa é ato político, veículo cultural e espaço de socialização” (p.129).

Neste sentido, Morduchowicz (2004, p.279) afirma também que a educação “deve ser entendida como uma prática cultural que permite gerar espaços para que os alunos construam e criem seus próprios significados e histórias de vida, baseadas em suas experiências reais e cotidianas”.

Ainda segundo Werthein (2004), a redefinição do papel da escola através do Programa Escola Aberta “amplia as oportunidades de acesso a atividades de lazer, cultura, esporte, arte e pertencimento a diferentes grupos, o que em si representa importante fator de transformação na vida dos jovens brasileiros” (p.9) e das pessoas das comunidades.

Kroef (2001, p.11), afirma que, ao transformar a escola em um pólo cultural, esta passa a ser “um espaço de troca de saberes, gerando processos criativos que escapam do conhecimento formal como um modo de produzir interferências, expressões e reflexões para além das atividades pedagógicas”. Nessa perspectiva de escola, a autora descentraliza o papel da instituição como difusora e formatadora do conhecimento, passando esta a “atuar como catalisadora de saberes produzidos pelas comunidades, viabilizando o trânsito pela produção cultural em diversos âmbitos: da comunidade, da cidade, do país e, por que não, do mundo”. Kroef (2003, p.11) salienta ainda que uma escola na perspectiva de se tornar um pólo cultural “coloca-se menos disciplinar, mais transversal, menos impositiva e menos prepotente”, tornando-se “menos escola e mais palco do inusitado”.

Os conceitos de protagonismo juvenil e de escola como pólo cultural têm sido tratados como pressupostos pela literatura específica do Programa Escola Aberta. A partir desta constatação, urge a necessidade de confrontar estes conceitos com a realidade trazida pela observação do campo empírico e pelos discursos dos agentes envolvidos no mesmo. Ambos os conceitos estão contemplados nas questões de pesquisa propostas neste estudo.

O conceito de protagonismo juvenil remete às questões referentes ao futuro dos participantes e das atividades de música propostas nos finais de semana, tais como, o vir a ser um multiplicador e/ou um profissional da área musical. Por outro lado, o conceito de escola como pólo cultural refere-se a uma nova visão de escola, na qual o lazer, o prazer, o conhecimento musical passam a ocupar um lugar de destaque no processo educacional. Frente a isso, cabe a este estudo discutir e problematizar tais conceitos a partir dos dados obtidos no trabalho de campo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo de caso foi o método escolhido para a realização desta pesquisa. Embora a referida metodologia propicie a compreensão aprofundada de um aspecto de uma organização particular, e, no caso deste estudo, os sentidos da música para os participantes, coordenadores, oficinairos e comunidade da Escola [Aberta] Municipal de Ensino Fundamental Chapéu do Sol, e dos pressupostos trazidos pelos documentos oficiais que embasam o Programa Escola Aberta, a questão central formulada instiga-me a olhar para o projeto em sua totalidade. Como indaga Rabitti (1999, p.31): “Onde termina o caso?”

Em relação à fragmentação das partes e do todo de um estudo de caso, Bogdan e Biklen (1994) analisam:

Normalmente, o investigador escolherá uma organização, como a escola, e irá concentrar-se num aspecto particular desta. A escolha de um determinado foco, seja ele um local na escola, um grupo em particular, ou qualquer outro aspecto, é sempre um acto artificial, uma vez que implica a fragmentação do todo onde ele está integrado (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.91).

O presente estudo considera a Escola Municipal de Ensino Fundamental Chapéu do Sol como a unidade de caso, sendo o campo empírico constituído pelas oficinas e atividades de música que ocorrem nos finais de semana, a partir das quais estarei ouvindo os discursos dos participantes envolvidos com as mesmas e com o Programa Escola Aberta desenvolvido nesta Escola, com o objetivo de ampliar a visão do caso.

A escolha da Escola Municipal de Ensino Fundamental Chapéu do Sol, deu-se pelo fato desta escola propor atividades musicais durante os finais de semana: o Grupo de *Hip Hop* e a Rádio Escolar. Diferente de outras escolas abertas visitadas por mim anteriormente, as quais serão descritas no decorrer do texto, nesta Escola, a música e a capoeira têm sido o “carro-chefe” dentre as atividades oferecidas nos finais de semana. Nas outras escolas abertas que conheci durante a procura pelo campo empírico, o esporte e a dança eram as atividades

mais procuradas pela comunidade. Além do Grupo de Hip Hop e da Rádio Escolar, esta escola tem se destacado por dois anos consecutivos, 2005 e 2006, pelas participações e premiações em dois Festivais de Música do Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida (COEP/RS).

Um fator inerente à proposta da Escola Aberta é a mobilidade das oficinas e a flexibilidade na participação das atividades nos finais de semana pelo fato deste Programa ser uma alternativa educacional não obrigatória. Essa mobilidade do campo, no qual as oficinas e os participantes “aparecem e desaparecem”, precisa estar contemplada e problematizada no caminho investigativo a ser percorrido. Até o presente momento, alguns oficinasandos mudaram de oficina, o oficineiro de música abandonou o Programa para dar mais atenção à carreira musical, um oficinasando está na eminência de assumir o lugar do oficineiro de música.

OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS

As observações e as entrevistas foram os instrumentos utilizados até o momento para a realização deste estudo de caso. Desde o princípio, procurei registrar detalhadamente minhas observações e reflexões em diários de campo, e, na medida do possível, conversar informalmente com as pessoas envolvidas com o tema do estudo.

As observações efetuadas no *locus* de pesquisa escolhido, a Escola Municipal Chapéu do Sol, foram sempre realizadas aos sábados, pelo fato de as atividades de música funcionarem sempre nesse dia. Após a definição da unidade de caso e do delineamento do foco de estudo, iniciei o trabalho de campo em fevereiro de 2007, tendo realizado, até o presente momento, seis observações. Até o presente momento foram realizadas cinco entrevistas que foram gravadas e transcritas: duas com três integrantes do grupo de *Hip Hop*, Alan, Douglas e Everton; uma com a coordenadora do Programa Escola Aberta na Escola Municipal Chapéu do Sol, Tânia; uma entrevista individual com Alan, letrista e compositor do Grupo de *Hip Hop*, e outra individual com Everton, programador da Rádio Escolar Chapéu do Sol aos sábados e domingos.

Além das observações escritas foram tiradas fotos, realizadas filmagens do grupo de *Hip Hop* e da Escola Municipal Chapéu do Sol, e gravada uma faixa em CD de áudio com o *Rap* “O Som do Amor”, de autoria de Alan e execução de Everton e Alan, para posterior análise e devolução do material aos participantes.

O retorno das filmagens, das fotos e das gravações das músicas foi feito através de CDs e DVDs, que foram ouvidos e vistos comigo em um primeiro momento, sendo posteriormente, levados para as casas dos jovens para uma apreciação individualizada.



Alan, Douglas e Everton vendo-se na filmagem.

(foto: Helena Lopes, Escola Municipal de Ensino Fundamental Chapéu do Sol, 09/02/2007).

As entrevistas podem ser vistas como complementares às observações que realizei no campo. As questões surgiram durante as observações em uma tentativa de compreender o tema dentro do campo. As perguntas foram extraídas das questões propostas pela pesquisa, mas, em muitos momentos, tornavam-se pré-requisitos para minha aproximação com as pessoas entrevistadas, para um “sentir-se mais a vontade” para adentrar ao campo, no contexto, na comunidade pesquisada.

Laville e Dionne (1999, p.188) classificam como entrevistas parcialmente estruturadas aquelas “cujos temas são particularizados e as questões (abertas) preparadas antecipadamente”. Os autores explicam que este tipo de entrevista, apesar de possuir uma estrutura preparada anteriormente, possui “plena liberdade quanto à retirada eventual e algumas perguntas, à ordem em que essas perguntas estão colocadas e ao acréscimo de perguntas improvisadas” (ibid.).

Atualmente estou elaborando um roteiro de entrevistas semi-estruturadas, as quais, segundo Laville e Dionne (1999, p.188), consistem em uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento”. As perguntas do roteiro de entrevista são elaboradas a partir das conversas informais com os participantes das atividades musicais na Escola Municipal Chapéu do Sol, com os coordenadores, das observações no campo empírico e da análise dos documentos oficiais do Programa Escola Aberta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

GRUPO DE HIP HOP

Eu sou do *hip-hop*, *hip-hop*
A galera por aqui é auto-estima
Todo mundo tá ligado, está por cima
(MDR e o *hip-hop* – letra e música de Alan).



Douglas improvisando sobre o rap cantado por Alan
Escola Municipal de Ensino Fundamental Chapéu do Sol, 09/02/2007
(foto: Guerreiro do Amaral)

Nos seis momentos em que estive com os meninos do Grupo de *Hip Hop*, realizei duas entrevistas coletivas e uma entrevista individual. Dentre os assuntos abordados nas entrevistas, procurei saber sobre as funções desse grupo para o projeto Escola Aberta e dos sentidos dessa atividade para a vida de cada um deles. Percebo uma vontade por parte dos meninos, em especial, por parte de Alan e Douglas, ex-alunos da Escola, de levar adiante esse grupo com o objetivo de construir um futuro para eles:

H: O que vocês gostariam de fazer com esse grupo? Quais são os projetos? Independente de esses projetos virem a acontecer, o que vocês gostariam?

Douglas: Ah, ir pras escolas.

Alan: Futuramente uma grande presença na mídia seria importante. Até porque o meu sonho é mostrar a cultura Hip Hop. Tem grandes diferenças entre o rap, Hip Hop, tem o grafite, o DJ... E eu queria entrar mais pelo grupo pela cultura Hip Hop. Não como rapper, mas como MC, essas coisas.

H: Tu pensa na mídia?

Alan: Não, não é bem isso. Eu penso mesmo é em explicar a cultura Hip Hop, porque tem gente que não sabe.

H: Explicar pra quem então?

Alan: Ah, pro povo!

Douglas: Porque não é só o rap. Nos dias de hoje muitas pessoas ainda são discriminadas. Porque a gente tá nesse sistema de discriminação e o rap pisa em cima da discriminação. Já salvou vidas, já salvou muita gente.

H: E qual espaço que vocês acham que poderiam ajudar a salvar vidas, ajudar na discriminação...Quais os espaços que vocês acham fundamental de levar o show de vocês?

Alan: Espaços?

Douglas: A gente quer pedir, né?

Alan: Praças públicas eu acho o melhor lugar. Algumas pessoas vão, outras pessoas tão passando na frente e escutam...

H: Mas seria mais em praças da periferia ou no centro da cidade?

Alan: Mais no centro da cidade.

H: Levar a periferia pro centro. Seria isso?

Douglas: Ah... Imagina! [risos]

H: É isso?

Alan: Com certeza!

H: Mas aqui na comunidade também tem um trabalho a ser feito, né?

Douglas: Tem! Eu acho que seria o primeiro lugar... Eu acho que é a primeira coisa. A gente tava esquecendo...(Entrevista 2, 17/03/2007, p. 5).

Embora sejam parceiros de grupo e grandes amigos, Alan e Douglas divergem quanto aos objetivos que têm com o trabalho. Enquanto Douglas pensa mais no lado social do grupo, da comunidade, Alan pensa no sucesso, na mídia, mesmo que essa mídia e esse sucesso não sejam para “subir pra cabeça”, como já me disse em outro momento, mas para “divulgar a cultura *Hip Hop*”. A Escola Aberta é, segundo eles, o espaço onde se sentem bem, acolhidos, onde revivem “boas lembranças” do tempo em que eram estudantes desta escola, mas é também, na visão deles, o lugar que pode dar visibilidade para o seu trabalho, bem como suporte financeiro e técnico, como equipamento de som, transporte para se deslocarem para as apresentações, possibilidade de participarem em festivais de música, atuarem como oficinairos pagos.

Os discursos de Alan e Douglas apontam para um desejo de profissionalização com a música, sob diferentes perspectivas: Alan mais direcionado para a *performance*, para o sucesso na mídia, embora faça questão de ressaltar que não almeja o sucesso, mas divulgar a cultura *Hip Hop*. Por outro lado, Douglas enfatiza o lado social e educativo do *Hip Hop* e a

importância dessa cultura para as comunidades.

RÁDIO ESCOLAR

Daí é pra gente dizer assim: “ZYB 678, FM 97, a sua rádio escolar do Chapéu! Aí vem outro, e diz: “Se liga no toque: A água é essencial para saúde, para higiene e para a vida de todos!” Aí a gente tem que dizer: “Toque da 97 pra você!” A gente tá dando a dica pro pessoal que tá lá fora! (Everton, locutor e programador da Rádio Chapéu do Sol nos finais de semana. Entrevista 1, 17/03/2007, p.5).

A Rádio Escolar funciona tanto nos finais de semana quanto na semana, durante os recreios. Além de colocarem música, os jovens participantes da Rádio Escolar também dão avisos da escola, mandam recados de um colega para outro, divulgam as oficinas que ocorrem nos finais de semana, sorteiam brindes, abrem espaço para pedidos de música e dão “toques” de higiene, saúde, bons modos e ecologia. O equipamento utilizado pela rádio são dois aparelhos de som portáteis com CD, um microfone, uma mesa de som de oito canais, um amplificador e CDs, alguns pirateados advindos das coleções particulares dos jovens e dos amigos, alguns originais e montagens feitas através de *downloads* de *sites* de música da *Internet*.

Everton, ex-aluno da Escola, é responsável pela rádio aos sábados e domingos pela manhã. Apesar de não ser mais aluno da Escola e ser filho de Tânia, coordenadora da Escola nos finais de semana, mantém-se assíduo às atividades da Escola Aberta por iniciativa própria. Em uma entrevista, Everton contou-me que se interessou em trabalhar na rádio para poder colocar música pras pessoas se divertirem, “formarem seus grupos”, dançarem, “ao invés de ficar no pátio quebrando as coisas, fazendo o que não deve...”. Ao falar sobre a Rádio Escolar, Everton assume um papel de responsabilidade sobre a mesma explicando os objetivos para os quais ela foi pensada, tais como, entretenimento, ocupação do tempo livre, aconselhamento para uma vida melhor, preservação do espaço escolar e diminuição da violência:

H: Tu estás mais na rádio por prazer de estar ou porque tu achas que o teu papel é importante aqui dentro nesse projeto?

Everton: As duas coisas. Eu acho que é importante estar aqui pra divulgar as oficinas também: “Ó, tá Rolando capoeira! Vai rolar roda em tal lugar!”. “A oficina de música lá em cima tá bombando!”. Quando eu me obrigo a falar, eu falo, sabe? [ri] mas de vez em quando eu não gosto de falar, fico no meu canto, coloco as músicas.

H: E nessas brigas que dá com os teus amigos na hora de escolher as músicas? [havíamos comentado sobre isso em outro momento da entrevista]. Aí entra o Everton falando do seu gosto pessoal ou entra o Everton que está pensando nas pessoas que estão lá fora?

Everton: Entra o Everton que tá pensando (Entrevista 1, 17/03/2007. p.8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto procurei trazer alguns aspectos que considero pertinentes ao tema da pesquisa que estou me propondo realizar. Desvelar os sentidos da pedagogia musical no contexto e no espaço da Escola Aberta, as concepções subjacentes às propostas e aos discursos referentes ao papel da música na visão dos participantes e coordenadores, faz parte do trabalho que está por vir.

Penso que este trabalho de doutorado possa contribuir, em primeiro lugar, para a discussão sobre os sentidos da pedagogia musical na Escola Aberta e ampliação do olhar sobre os processos de transmissão e apropriação musicais, colocando em xeque, paradigmas filosóficos acerca do significado e o papel da escola e da música na educação e na sociedade atual.

As entrevistas que realizei com a coordenadora da Escola Aberta e com os participantes em fevereiro de 2007 levantaram outros temas relevantes que não foram problematizados ou mencionados neste texto. A próxima etapa será analisar os tópicos trazidos nas observações e entrevistas para formular um roteiro de questões a serem aprofundadas no campo empírico e na literatura específica sobre os trabalhos de educação musical referentes aos jovens e à música na perspectiva da escola como pólo cultural.

Sem dúvida, os temas música, jovens e Escola Aberta são assuntos recorrentes na pauta de discussão sobre políticas públicas. A brecha na qual me proponho adentrar com a realização deste trabalho, refere-se à contribuição específica advinda do olhar epistemológico do educador musical sobre os vários sentidos da música na Escola Aberta, levando em conta os depoimentos dos participantes, os discursos oficiais e as concepções subjacentes a esta trama de fios que formam a rede deste estudo. Para isso, torna-se necessária a instrumentalização do olhar e dos sentidos para escapar das armadilhas postas e impostas no terreno das políticas públicas para que haja a possibilidade concreta de uma interpretação densa e ética das várias facetas do caleidoscópio que compõe a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTI, Ana Paula/SOUZA, Raquel. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

COSTA, Márcia R. Reflexões sobre o processo de inclusão: a relação estabelecidos-outsiders no locus da escola. In: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (Orgs.) *Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p.127-140.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

FERRETI, Celso; ZIBAS, Dagmar ;TARTUCE, Gisela. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. *Cadernos de Pesquisa*, v.34, n.122, p.411-423, 2004.

IULIANELLI, Jorge. Juventude: construindo processos: o protagonismo juvenil. In: FRAGA, Paulo César; IULIANELLI, Jorge Atílio. (Orgs.) *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003. p.54-75.

KROEF, Ada Beatriz G. Política cultural na rede municipal de ensino: fragmentos de uma composição. *Caderno Pedagógico*. n. 23, SMED, Porto Alegre, p. 7-14, 2001.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MORDUCHOWICZ, Rosana. A educação como prática cultural. In: *Remoto Controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 278-279.

NOLETO, Marlova; CASTRO, Mary; ABRAMOVAY, Miriam. *Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*. Brasília: UNESCO, 2004.

SÓCRATES, José. Desenvolver capacidades criativas para o século XXI. In: WORLD CONFERENCE ARTS EDUCATION. Centro Cultural de Belém, *Programa...*Lisboa, Portugal, 2006. p.3.

UNESCO. *Fazendo a diferença: projeto escola aberta para a cidadania no estado do Rio Grande do Sul*. Brasília: UNESCO, Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, 2006.

WERTHEIN, Jorge. Introdução. In: NOLETO, Marlova; CASTRO, Mary et al. (Orgs.) *Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*. Brasília: UNESCO, 2004. p.9-16.